

INSPIRAÇÃO

UM SOPRO DE DEUSES OU APENAS TRABALHO?

Elenor José Schneider

INTRODUÇÃO

Dentro dos estudos da arte em geral, o estudo da inspiração constitui um dos maiores enigmas. Diante dela, um sem número de pensadores se inclinou passando a questão adiante sem ter acrescido um pouco de luz para o seu deslindamento.

Na cadeira de Poética, o assunto nos chamou a atenção e, nesta monografia, procuramos estudá-lo um pouco mais e lançar sobre ele algumas discussões para um entendimento mais amplo. O objetivo é suprir lacunas que se nos antepunham.

Iniciamos situando o assunto num contexto amplo; logo adiante, procuramos esclarecer alguma coisa em torno da dicotomia "artista artesão X poeta inspirado". Abordamos algo em torno do ato criador. Entramos no problema de conceitos sobre inspiração e, por último, tratamos da forma como a inspiração foi discutida especialmente a partir do Romantismo.

Embora o trabalho não se estenda, e se marque por lacunas, acreditamos estar trazendo, se não novidades, ao menos um traçado panorâmico capaz de desencadear uma discussão que, sem dúvidas, alcança amplitude muito maior.

1. UMA LUTA ANTIGA

*"Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã."*

Nos versos de Carlos Drummond de Andrade, reflete-se uma das mais antigas encruzilhas da história do homem, mais precisamente da arte: o que faz com que a obra se produza, com que a obra imponha essa necessidade de nascer? De onde vem? Onde a sua morada? Quem são os eleitos através dos quais ela irá se materializar?

É muito remoto o questionamento sobre a inspiração. Encontramo-lo em Sócrates, em Aristóteles, em Platão, em Horácio, em todos os grandes pensadores que se detiveram sobre o problema sem nunca dar luz suficiente para um entendimento satisfatório.

Basicamente, a questão se coloca sob uma dupla perspectiva: o poeta escreve a poesia porque trabalha paraíso; ou o poeta recebe, gratuitamente, os versos de algum poder que lhe é estranho e, acima de tudo, misterioso.

Poucas certezas existem e grande parte dos poetas prefere declarar-se impotente, incapaz de compreender o que se passa, delegando a um incompreendido universo oculto a incumbência de alimentar e sustentar a grande dúvida.

Por muito tempo, havia uma inquestionável certeza: a voz não era do poeta. A genialidade ou a criação simples eram explicadas por forças estranhas ao mundo do poeta: musas, deusas, demônios, espíritos, ou até mesmo o acaso, o inconsciente.

Platão dizia ser o poeta um possuído. Sócrates anunciava o poeta como ser alado, leve e sagrado, incapaz de produzir quando o entusiasmo não o arrastava e o fazia sair de si. Não seriam os poetas a dizer coisas maravilhosas, mas os emissários das divindades a falarem por sua boca, eis como Octavio Paz coloca inicialmente a questão, contestando-a adiante: "Ninguém fala pela boca do poeta, a não ser sua própria consciência; o verdadeiro poeta não

ouve outra voz, nem escreve um ditado; é um homem desper-
to, e senhor de si." (in: *O Arco e a Lira*, p. 197). O es-
tudioso mexicano, aliás, vem contribuir com respeitável
argumentação no intuito de aclarar a discussão, posicio-
nando-se francamente contra as explicações imponderáveis
que sempre perpassaram a arte e que continuam contando
com muitas opiniões favoráveis.

2. POETA ARTESÃO X POETA INSPIRADO

A dicotomia poeta artesão x poeta inspirado, embora
referindo extremos, traduz a grande questão: a poesia é
fruto de um trabalho consciente, ou então, resultado de
uma misteriosa e estranha intervenção?

Mikel Dufrenne lembra uma citação de Horácio: "A quem
deve a poesia seu mérito, à natureza, à arte? Interroga-
mo-nos algumas vezes. Quanto a mim, não vejo o que pode-
ria realizar o esforço sem uma fértil veia, nem o gênio
sem a cultura: uma necessita do outro, todos dois enten-
dem-se e colaboram. Para obter o sucesso desejado nas
competições, sujeitamo-nos desde a infância às fadigas e
ao sofrimento, arrostamos o calor e o frio, abtemo-nos
do amor e do vinho." (In: *O poético*, p. 125-6) Horácio pa-
rece tentar uma conciliação, em que pese não responder ao
problema. E enfatiza o trabalho, a preparação, o recolhi-
mento para poder produzir. Certamente, ele teria dificul-
dades de explicar as fontes da poesia dos poetas maldi-
tos ou de muitos compositores do final do século XX. Pou-
co se aproximam desse clima de recolhimento, de serieda-
de, de gravidade, no que esses sentimentos significavam
para o artista clássico.

Octavio Paz chama a atenção para o fato de que ao
poeta artesão falta, vez por outra, uma palavra, uma ri-
ma. Luta por encontrá-la, mas não vem. De repente, ofere-
ce-se gratuitamente e, às vezes, completamente distinta
da que o poeta esperava encontrar. E lembra também o poe-
ta inspirado a quem, sem mais, se impõe o silêncio. E o
poema se completa na procura laboriosa.

É oportuno lembrar a conferência de João Cabral de
Melo Neto, transcrita na *Vanguarda Européia e Modernis-
mo Brasileiro* de Gilberto Mendonça Teles. O poeta pernambu-

bucano reflete sobre o problema, enfatizando o aspecto artesanal, da criação racional, não sob ímpeto ou paixão. Para João Cabral, compor requer luta, é uma guerra sem testemunhas. É um ato íntimo, solitário, o que diz também Octavio Paz: "Escrever deixa o poeta sozinho, é um lançar-se no vazio. Escrever exige desligar-se do mundo. As coisas se tornam sem sentido e logo recebem novo sentido no ato de criar." (in: *O arco e a lira*, p. 216).

João Cabral lembra a existência de autores fáceis, para os quais facilidade se confunde com inspiração, e de autores difíceis, que colocam na preocupação formal a condição de sua existência. Para ele, o poeta inspirado é aquele cujo poema é expressão de experiência íntima, é eco de interioridade. A experiência se lhe oferece em oportunidades raras diante das quais ou se confessa ou o poema se perde. O poema se daria em estado de necessidade: ou exaltação, ou depressão.

Mas João Cabral acredita mesmo é no trabalho: "Não é o poema que se impõe, mas os poetas se impõem o poema" (In: *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro*, p. 391) A leitura de sua poesia corrobora o seu posicionamento teórico: o poema cabralino nasce antes do cérebro do que do coração, é muito mais resultado da procura do que da oferta gratuita.

Mikel Dufrenne é que fala nas duas imagens do poeta: artesão e inspirado. Artesão é o poeta laborioso, voluntário, profissional, conhecedor. É o vate, tem uma missão, fala, nomeia as coisas, chama-as à vida e põe-nas disponíveis e familiarizadas. Já o poeta inspirado não tem domínio sobre seu ato. Entre ele e a obra se interpõe um terceiro elemento, que anima a criação. Para Dufrenne, o poeta inspirado reivindica a libertação da arte de fins alheios: distrair, ensinar, celebrar poderes, todas as tarefas às quais a prosa pode submeter-se, e pelas quais ela recusa que a poesia se prostitua. A poesia é livre, pura, bela: "Só a beleza existe, e sua expressão perfeita é uma só: a poesia." (Mallarmé)

"A inspiração pode ser pretexto ou desculpa. É inútil separar inspiração e trabalho: o trabalho explora a inspiração, é propriamente ele que é inspirado", assim conclui Dufrenne (p. 138). E cita ainda Claudel: "A inspiração apenas não bastaria para fazer um desses poetas de gênio."

As leituras que realizamos indicam essa direção: a inspiração existe para os que trabalham. Inspirar-se não significa desvincular-se do mundo. Quanto mais associado a uma circunstância, a um problema, a um sentimento, mais chance se cria para o poeta dizer, falar esses elementos. O mundo moderno ensinou o homem a não esperar despreocupadamente. Quem não busca, morre. Isso traduz também a postura do poeta moderno. É preciso fazer algo para que o poema aconteça. O clima, o envolvimento intenso, o conhecimento, tudo contribui para que as palavras fluam, para que o mundo seja nomeado com mais facilidade, para que se busque a palavra adiante, como diz Octavio Paz. Foi mais ou menos isso que João Guimarães Rosa declarou em entrevista a Günther Lorenz: "Quem cresce num mundo que é pura, verdadeira, real literatura, deve, se tiver uma centelha de talento, começar qualquer dia a escrever."

É claro que a questão não se fecha por aí. Um poeta do porte de Manuel Bandeira disse: "Na minha experiência pessoal fui verificando que o meu esforço consciente só resultava em insatisfação, ao passo que o que me saía do subconsciente, numa espécie de transa ou alumbramento, tinha ao menos a virtude de me deixar aliviado de minhas angústias. Longe de me sentir humilhado, rejubilava, como se de repente me tivessem posto em estado de graça." (do *Itinerário de Pasárgada*).

3. O ATO CRIADOR

Octavio Paz lembra que o texto é uma obra, portanto é fruto de transformação de matéria bruta. Mas essa matéria bruta está dentro do próprio poeta. Criar o poema é criar a si mesmo, na linguagem própria do crítico citado, que diz ainda: "O poeta passa a existir no momento da construção do poema. Antes ele não é poeta nem sequer um à espera da incubação." (Op. cit., p. 205).

Mikel Dufrenne e Octavio Paz praticamente se repetem. Dufrenne diz: "Onde encontrar o poeta? Na poesia. Ele é o autor, está presente. Pensamos até que exprimindo o mundo, exprime a si mesmo. O mundo que ele diz é a si próprio." (*O Poético*, p. 117). Chama a atenção para o fato de que o poeta SE DIZ, não apenas diz.

Criar, que é a materialização da inspiração, para o poeta é "tirar do íntimo certas palavras". (O. Paz). O poeta por um instante fica sem mundo (portanto, sem palavras) para em seguida recriar o mundo e, conseqüentemente, a palavra, ou então recriar a palavra para recriar o mundo. No ato criador, o poeta busca a palavra desordenada que está à sua frente e a molda conforme sua constituição, construindo imagens, adequando adjetivos, estabelecendo ritmo. E antes da inspiração, é a vontade que preside a esse ato. Também não há ação ocasional. Octavio Paz lembra: "A elaboração da poesia tem finalidade. Põe-se uma meta a ser perseguida. Lá se chegará não por acaso, mas com metódico trabalho e busca." (*O Arco e a Líra*, p. 199).

4. A INSPIRAÇÃO

Existe, afinal, a inspiração? É mesmo um sopro estranho que bafeja de modo privilegiado o artista? Vejamos algumas considerações em torno do assunto.

Dentre muitas definições de dicionário, uma delas diz que inspirar é fazer que uma idéia, uma concepção se apresente. Em termos de esclarecimento, esse conceito nada diz. Essa idéia ou concepção brotaria de onde, em que circunstâncias? Importa observar que a idéia da inspiração, nos mais diversos sentidos, perpassa a vida humana. Do homem ignorante ao homem sábio, inúmeros atos e omissões se fazem ou deixam de fazer em nome da inspiração.

Na Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, lemos: "Inspiração é o estado de exaltação emotiva, de íntima e misteriosa iluminação, em que, pela intuição estética, o artista apreende seu objeto, de modo impreciso, mas em plenitude."

Octavio Paz diz que a inspiração é exercício de liberdade, e a liberdade é busca de nossa plenitude. Estar inspirado seria, então, estar conjugado com o "outro" que habita em nosso próprio ser. Inspiração seria encontro. Enquanto não existisse esse encontro, o homem estaria em desconforto, à procura dessa sua plenitude.

Guimarães Rosa, na já citada entrevista a Günther Lorenz, diz assim: "Eu não preciso inventar histórias. Elas vêm ao meu encontro, aproximam-se de mim, forçam-me a escrevê-las. Assim se passa comigo, como vocês dizem em alemão: "Mich reitet auf ainmal der Teufel." Isso se passa de maneira tão conseqüente e tão inevitavelmente que eu, às vezes, chego a acreditar que eu mesmo, eu, sou uma história que contei."

Essa reflexão de Guimarães Rosa sempre impressionou. A nosso ver, o genial escritor responde com simplicidade ao problema. Quer dizer, escrever seria um ato conseqüente de um estar saturado, seria um parto que se precisasse fazer, se não se quisesse perder mãe e filho.

Mikel Dufrenne chama a atenção para o fato de que a inspiração não condena o poeta à alienação. Pelo contrário. É necessário que esteja atento a ouvir o apelo que lhe é dirigido. Carlos Drummond de Andrade dá importante testemunho a respeito no jornal da Record nº 26, de 1984: "Este livro (*Corpo*) tem poemas dos últimos anos, feitos um pouco preguiçosamente. Gostaria de ter mais folga para fazer o que me dá prazer. A poesia é uma atividade de que vem de vez em quando. As pessoas me chamam de poeta como se isso fosse uma qualidade, mas o poeta é um ser humano igual aos outros. Há momentos de poesia e a hora poética geralmente vem quando não se pode aproveitá-la. Às vezes vem um verso inteiro quando a gente está num ônibus e então ele se perde. Eu tenho péssima memória, aliás estou numa idade em que posso me dar a esse luxo. O verso vai embora, e nunca mais volta."

A inspiração é leve. Dufrenne lembra que "a obra inspiradora que nos torna inspirados, dizemos ser ela própria inspirada. Portanto, a obra inspiradora já é seu próprio efeito. Nem toda obra, mesmo bela, nos inspira. É necessário que nos exalte, anime. Ao sentirmos nela esforço, fadiga, rejeitamos a idéia de inspiração." (*O poético*, p. 149).

Mikel Dufrenne aponta para a precariedade e ambigüidade da inspiração. Ela nada garante, nada assegura ao poeta. Precisa ser explorada, buscada. "Ser inspirado é receber por haver esperado." (p. 151) Inspiração pressupõe recolhimento, interiorização. Do encontro profundo do homem consigo mesmo nasce a obra inspirada. Os poetas dizem que a Musa sopra no coração. Maritain diz que a ins-

piração está na alma. E Bergson dá uma explicação um pouco mais ampla: "Todo conhecimento é memória - conservação e acumulação do passado no presente. Essa memória me rece chamar-se Musa. As Musas, não sendo mais do que uma reminiscência ou um artifício retórico, designam ao mesmo tempo, um poder do espírito, e uma fisionomia do mundo, forças da vida e forças da alma. Nisso elas são divinas." (Citado em *O poético*, p. 156).

Está-se buscando conhecer esse mistério que tento já fez o homem refletir. Não mais se aceita uma entrega pacífica, uma confessa incapacidade de chegar ao cerne do problema. A verdade é que, com os mais recentes avanços no campo, ainda assim a questão permanece obscura, escorregadia, desafiante. A poesia moderna transcende a passividade de Dante, que disse: "A inspiração é um mistério sobrenatural que o poeta aceita com recolhimento, humildade e veneração." (*O Arco e a Lira*, p. 207).

Certamente que a inspiração existe. Talvez a história do próprio nome ainda esteja auxiliando na sustentação do clima do mistério que sobrevive em torno dela.

5. INSPIRAÇÃO: BUSCA DO OUTRO

Um dos enfoques fundamentais na discussão da inspiração é o da "outridade". Octavio Paz muito se atém ao assunto. Que é esse "outro" que falaria pela boca do poeta? Para os antigos, a poesia era entendida como um dom que baixava sobre os poetas. Existiriam elementos - deuses, anjos, demônios - num outro mundo e que, por misteriosa ação, passariam a falar através do poeta. A origem da poesia seria, então, sobrenatural, seria uma graça dada ao homem, seria, como refere Octavio Paz, uma revelação: "A inspiração é uma revelação porque manifestação por poderes divinos." (p. 196)

Já a partir do Romantismo, e definitivamente no Surrealismo, elimina-se esse espaço vazio existente entre o homem e o mundo. Tudo passa a ser visto como unidade. O mundo exterior existe a partir da consciência.

"A inspiração é uma manifestação da "outridade" constitutiva do homem. Não está dentro, em nosso interior,

nem atrás, como algo que surgisse subitamente do limo do passado; está adiante: é algo (ou melhor; alguém) que nos convida a sermos nós mesmos." (*O Arco e a Lira*, p. 218). A inspiração é, portanto, a busca ou procura do que somos. O encontro de si mesmo representa o momento fecundo que autoriza o poeta a falar. O poeta se aniquila na procura, deixa de ser, para depois recuperar-se plenamente. A inspiração há de representar o momento de equilíbrio, de plenitude do ser. O poeta sai do silêncio a que se submetera, e fala. Fala de si, de sua história. Reaviva a soma de experiências que acumulou em sua memória. Conta do conta sua própria história.

6. AS LUZES DA MODERNIDADE

Até a idade moderna, a inspiração se revestia, em regra, de um clima de mistério, de segredo. A maioria dos poetas nem a questionava porque antecipadamente se sabia fracassada. A modernidade desafia o problema. O desvendamento de grande parte dos mistérios do mundo não abalou, em princípio, a inspiração.

No Romantismo, a poesia se centraliza no sujeito. O poeta é sujeito e, ao mesmo tempo, objeto. Questiona-se a relação de um mundo em que sujeito e objeto se opõem, e o primeiro necessita de conquistar o segundo, ou este se dê, de alguma forma, ao primeiro. Nega-se o mundo. Em plena efervescência burguesa, os românticos, anunciando uma poesia que foge da ordem, da disciplina, do trabalho, rapidamente passam a ser rotulados de marginais. Este conceito sofre uma tentativa de redenção no Parnasianismo para o qual o poeta é alguém que "teima, e sofre, e lima, e sua", mas definitivamente explode com as vanguardas, especialmente o Dadaísmo e o Surrealismo.

O Surrealismo não apenas pretende romper a dicotomia sujeito-objeto, mas nega também o sujeito: "Não existe eu, não existe criador, mas uma espécie de força poética que sopra onde quer e produz imagens gratuitas e inexplicáveis." (Octavio Paz, *O Arco e a Lira*, p. 208).

Antes do Surrealismo, a idéia predominante era que a inspiração viesse de algum lugar ou tempo remoto. O Surrealismo a incorporou ao mundo presente, ao tempo presen

te. Rejeita o conceito do poeta como um homem deslocado do seu tempo, de seu espaço. O Poeta, como inspirado, era marginal. E era marginal não por sua condição de homem, mas por sua condição de inspirado.

Os surrealistas dizem que a inspiração é coisa do homem, nele se processa, nele reside e, portanto, por ele deve ser explicada. O poeta tem uma missão, diz Octavio Paz, "ser cabo de alta tensão". O poeta manipula a inspiração, e não o contrário. "Para os surrealistas - afirma Octavio Paz - não é a consciência que preside o mundo, mas a inspiração. Da luta de várias vozes dentro de cada um, se estabelece a visão de mundo surrealista: mundo poético onde Deus ou a razão dão lugar à inspiração." (p. 210)

A idéia de mundo, pois, no Surrealismo se constrói a partir da inspiração, que está no próprio homem. E a inspiração se inaugura quando a consciência, sua atividade, cessa. O poeta, conquistando essa liberdade, está apto a escrever. A inconsciência instaura a inspiração. Octavio Paz reflete sobre o problema: "Se o poético é revelação do inconsciente, não será deliberado. Entregar-se ao inconsciente exige ação, isso se faz, o que tira o caráter de involuntariedade."

Inspirado assim, o poeta começa a falar-se, e falando-se fala também a sua história e a história de todos os homens. O poeta domina a palavra porque ela reside dentro dele: "As frases continuavam a me impelir, eu estava senhor do assunto." (Knut Hamsun, citado por Breton no *Manifesto Surrealista*).

CONCLUSÃO

A inspiração, o entender a inspiração é, sem dúvida, o mistério que a literatura não desvendou ainda. Se por um lado, não podemos atribuí-la a uma origem transcendental, por outro, não é possível concebê-la como fruto de trabalho insano e mera busca metódica. Agindo assim, nunca os tantos poetas encontraram a poesia verdadeira. Parece-nos que é a inspiração, na sua essência, uma mescla de trabalho, de clima, de circunstância, aliada, agora sim, a um fator externo cuja explicação se torna realmen

te muito difícil. A própria origem da palavra - in-spirare, soprar para dentro - define a compreensão primeira - e antiga - de que se está diante de um momento de mistério.

Estar inspirado é estar apto a. Se não existe ainda nitidez, esta deverá ser produzida pelo ato criador que se consolida na transformação da matéria bruta em obra.

A solução proposta pelo Surrealismo, se esclarecedora em alguns aspectos, na essência ainda não esclarece a questão. Acreditamos, como os surrealistas, que a inspiração seja coisa do homem, dentro dele se realiza, de dentro dele se projeta. Satisfaz até a argumentação de que pelo homem ela deva ser explicada. O que acontece, porém, é que o mistério permanece. Se não tem mais a intensidade e a cegueira de um mero ocasionalismo, verdade é, na nossa opinião, que ainda não se mexeu no fundo da estrutura.

O trabalho é muito importante. Mas só ele não gera a arte.

BIBLIOGRAFIA

PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. 3. ed., Petrópolis, Vozes, 1976.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo, Cultrix, 1981.

DUFRENNE, Mikel. *O poético*. Porto Alegre, Globo, 1969.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2. ed., São Paulo, Cultrix, 1980.

LORENZ, Günther. *Diálogos Latino-Americanos*. Globo.

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Lisboa, Editorial Verbo. Vol. 10.

Notícias da Record - Jornal - nº 26, de 1984. p. 5.